This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

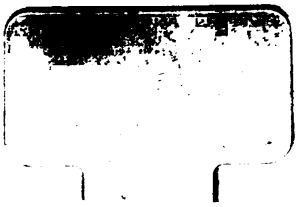
Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

HARVARD COLLEGE LIBRARY

Bought with the income of

THE ROBERT ETHERIDGE GREGG '94

MEMORIAL BOOK FUND



Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

BIND

SOCIEDADE PROPAGADORA DE CONHECIMENTOS GEOGRAPHICO-AFRICANOS

Á MEMORIA

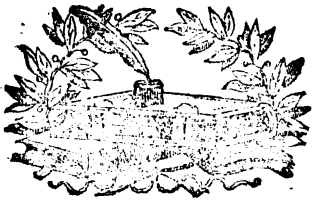
DE

LUIZ DE CAMÕES

COMMEMORAÇÃO CELEBRADA EM LOANDA
PELA SOCIEDADE, EM 10 DE JUNHO DE 1881

301.° ANNIVERSARIO

DO FALLECIMENTO DO GRANDE ÈPICO



LOANDA
TYPOGRAPHIA DO MERCANTIL
1881

Digitized by Google

Digitized by Google

SOCIEDADE PROPAGADORA DE CONHECIMENTOS
GEOGRAPHICO-AFRICANOS

Á MEMORIA

DE

LUIZ DE CAMÕES

COMMEMORAÇÃO CELEBRADA EM LOANDA
PELA SOCIEDADE, EM 10 DE JUNHO DE 1881

301.º ANNIVERSARIO

DO FALLECIMENTO DO GRANDE ÈPICO

LOANDA
TYPOGRAPHIA DO MERCANTIL
1881

Digitized by Google

WID-LC
TQ
9212
.S53
x
1881
J

HARVARD UNIVERSITY
LIBRARY
OCT 4 1989

12283

Digitized by Google

Acta da sessão solemne da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Geographico-Africanos

A's nove horas da noute, achando-se reunidos nas salas da sociedade S. Ex.ª o Governador Geral da provincia, seus secretario e estado maior, differentes senhoras e cavalheiros convidados, bem como grande numero de socios residentes n'esta cidade,—o Ex.mo Governador, conselheiro Antonio Eleuterio Dantas, presidente honorario, abriu a sessão, congratulando-se com a assembléa pela manifestação que estava dando de respeitoso preito á memoria do immortal epico portuguez Luiz de Camões, n'esta sessão votiva; demonstrando-se assim que tambem n'esta região tão affastada da patria não esquecem os portuguezes um dever que é nacional:—o culto de veneração áquelle grandioso poeta e guerreiro. E para que se proseguisse na ordem de trabalhos d'esta sessão, cedia a presidencia d'ella ao sr. dr. José Baptista d'Oliveira, presidente effectivo da sociedade.

O sr. presidente, agradecendo a deferencia de S. Ex.ª, disse:

SENHORES

Reunem-se aqui hoje os socios d'este instituto, em observancia do artigo 16.º dos seus estatutos, para dedicarem esta sessão publica e solemne á commemoração do dia, como homenagem á memoria immorredoura d'esse gigante da epopeia, que Portugal se gloria, como a nação mais culta decerto se gloriaria, de contar entre seus filhos:—Luiz de Camões.

Digitized by Google

Não ha portuguez que não conheça os traços mais assignalados da vida do grande vulto, que ha 3 seculos dorme na eterna paz do sepulchro, tendo legado, a sobreviver-lhe para as gerações futuras, uma memoria aureolada pela consagração de respeito profundo, de elevada admiração, universaes; — universaes, porque não houve nos paizes mais illustrados, do velho e novo mundo, penna de homem eminente na sciencia ou na litteratura, que, em nome da confraternidade dos espiritos levantados, videntes — considerando que o genio não tem patria, para que não haja ciumes de nacionalidade, que o genio é cosmopolita, para merecer exaltações, apotheoses, — não escrevesse em lettras de ouro uma pagina gloriosa para Luiz de Camões e para a sua, para a nossa, patria. Digamol-o com ufania!

Guerreiro e poeta, dizem-nos a historia e a critica que elle foi sempre heroe. Embainhava a espada valorosa, nas treguas do combate, para repousar, desferindo na lyra sublime essas estrophes explendidas, em que, ora nos contava com vehemencia arrebatadôra os feitos brilhantes dos portuguezes, — ora suspirava, sentimentalissimo, essas adoraveis expansões dos seus ardentes amôres.

Que estro genial aquelle!

Ao immortal cantôr das glorias nacionaes, que ceifou os louros que portuguezes conquistaram nos duros combates, nas navegações audazes, (em que, como elle disse, *em perigos e guerras esforçados*, mais do que a força humana permittia, fizeram), — para tecer d'esses louros uma corôa immarcessivel, — Os Lusiadas, padrão immorredouro de tão portentosos triumphos; — ao epico sem rival, — consagram os seus compatriotas, em intimo convivio com extrangeiros illustres e generosos, o culto fervorôso da sua admiração. E perpetuem-o, transmittindo pela dição, pelo conselho, pelo exemplo, aos contemporaneos hoje, amanhã aos vindouros, — o immenso respeito que bemmerece a memoria do grande poeta e valente soldado,

Digitized by Google

N'esta cruzada quiz manifestar a sociedade, a que tenho a honra de presidir, que desejava alistar-se.

Consignou por isso nos seus estatutos a obrigação indeclinavel de commemorar este anniversario; é hoje o momento de desempenhar-se do compromisso;—solve-o, pois, a sociedade de geographia, de Loanda com a extrema pobreza dos seus recursos para tão notavel empenho, mas com a patriotica devoção, a que não sabe faltar.

Disse.

Convidados a usarem da palavra os socios que o desejassem, inscreveram-se os srs. Urbano de Castro, commendador Joaquim Eugenio de Salles Ferreira, Castanheira Nunes e Francisco de Salles Ferreira.

O socio Urbano de Castro leu, em apontamentos, uma extensa e primorosa oração que escrevera,—dedicando-a á commemoração que se celebrava (1)

O socio commendadôr Joaquim Eugenio de Salles Ferreira disse:

Tambem elle esteve na Africa.

Tambem elle aqui sentio a saudade da patria—a dilacerar-lhe aquella alma nobilissima, sem que nas amarguras o consolasse o gosto dos infelizes,—como o vae apregoando aquelle immortal sonêto:

Doces e claras aguas do Mondego
Doce repouso de minha lembrança,
Onde a comprida e perfida esperança
Longo tempo apoz si me trouxe cego,

De vós me aparto; si; porem não nego
Que ainda a longa memoria que me alcança,
Me não deixa de vós fazer mudança,
Mas quanto mais me alonga, mais me achego.

Digitized by Google

Bem poderá a Fortuna este instrumento
Da alma levar por terra neva e extranha
Offerecido ao mar remoto, ao vento.

Mas a alma que de cá vos acompanha
Nas azas do ligeiro pensamento
Para vós, aguas, vôa, e em vós se banha.

Mais tarde, já na terra de exilio, á margem do seu Euphrates, dedilhava o poeta no seu plangente alaúde:

Ando gastando a vida trabalhosa
E esparzindo a continua soidade
Ao longo de uma praia soidoza

Se quero em tanto mal desesperar-me
Não posso, porque amor e soidade
Nem licença me dão para matar-me

E com isto figuro na lembrança
A nova terra, o novo trato humano
A estrangeira progenie, a extranha uzança.

Tambem elle aqui sentio a opprimir-lhe o coração a lembrança da mulher a quem sagrava os seus affectos—o seu amor; —as saudades da familia.

Traduzia a sua dôr n'estas rythmas sentidas;

Ando com alma cansada,
Suspirando cada hora,
Por el tu amor senora
Pasé yo la mar salada

—

O mòr mal que cá padeço
He ver quanto sem razão

Outros olhos lográrão
O que eu por amor mereço.
Isto tanto me entristece
Que depois que estou aqui
Placer não sabe de mi,
Cuidado no me fallece.

Tambem a Africa lhe foi theatro de galhardias militares, sendo ahi que o grande poeta perdeu luz dos seus olhos.

Tambem na Africa teve como recompensa dos seus feitos brilhantes, do seu heroismo, a indifferença—o despreso talvez.

Diz elle, depois de se queixar de ingratidão dos seus:

Isto não é praguejar,
Mas toda a culpa é da fome
Porque gente, que não come,
Mal poderá pelejar.
Assim estão muitos no dia
Com os olhos na tramontana
Mirando la mar de Espana
Como menguava e crecia.
Elles contra o capitão;
Emfim tal vae tude aqui
Que brado grande e pequeno
Tiempo bueno, tiempo bueno
Quien se te llevó d'aqui

Já as glorias portuguezas, diz um historiador do sublime Epico,—andavam n'éste lastimoso desbarato.

«Costume era ja então uzado em Portugal deixar morrer de fome os que meneam armas em sua defensão e exigir da honra e do dever dos miseros soldados o que na paga se amesquinha e regatêa.»

Digitized by Google

Foi assim, meus senhores, para Camõ's, cujo genio hoje aqui viémos venerar!

Foi assim que o principe dos poetas peninsulares se immortalisou, não menos pelo incomparavel poema que nos legou e com que nos honrou e honrou a nação luzitana, do que pelos sublimes exemplos que nos deixou, a nós colonos—a nós, como elle, exilados e excruciados pela dôr lacerante da distancia da patria, da auzencia da familia, e das injustiças da sociedade.

Não devemos como pessimistas condemnar o presente para encomiarmos o passado. Este é por certo mais triste do que aquelle.

A's gerações modernas não são exigidos os sacrificios, a que heroicamente se submetteram os nossos maiores.

Bem pode dizer-se sem exagêro que elles edificaram, com o sangue dos martyres e com o trabalho homerico, a paz, a liberdade, e os grandes mananciaes de riqueza que nos testaram.

Se a conquista foi d'elles, seja nossa a civilisação!

Disse.

O socio Castanheira Nunes disse:

L'homme fait la terre; l'école fait l'homme
J. S. Simon.

Senhores:

A materia que escolhi para assumpto d'esta conferencia não é nova; e creio, que está 'no pensamento e 'no coração de todos os meus ouvintes.

Todos os amigos da humanidade, desde Platão até ao Martyr do Golgotha, desde os Apostolos de Jesus até aos apostolos da actualidade, a tem doutrinado, e com tal insistencia e convicção, que muitos deram a vida por ella.

Digitized by Google

Mas ha verdades que nunca envelhecem : nasceram com o mundo, acompanham-no 'na vida das gerações, e só com elle perecerão. E' d'este genero a que faz o objecto d'esta conferencia.

«A melhor, a mais nobre, a mais humanitaria missão a emprehender 'no continente africano é a da civilisação dos seus habitantes. Eis a these que me propuz desenvolver perante os meus esclarecidos consocios, em homenagem á memoria do grande epico portuguez.

Sei que não estou á altura do assumpto; mas muito confio 'na intelligencia e benignidade dos meus charos consocios, que saberão supprir o que o meu espirito não attingiu, e a minha eloquencia não soube expôr, e desculpar as incorrecções de todo o genero, que por certo commetterei; e isto me alenta.

A grandeza ou a miseria dos povos em geral e de cada individuo em particular é quasi sempre obra de suas proprias mãos. Póde ter-se uma zona temperada e sadia, um solo fertilissimo, minas inexgotaveis, portos vastos e seguros, materias primas em abundancia, e vegetar-se apenas, sem progredir 'no meio d'estas riquezas naturaes, por falta de capacidade ou de energia.

E' a vida das populações africanas, possuidôras do solo mais fertil do mundo, naturalmente opulento, e de um clima excellente em varios pontos, supportavel em geral.

Ao contrario, um punhado d'homens, retirado a um canto da terra, ameaçado pelo mar, invadido pelas aguas, com um solo safaro, com um clima mortifero, oppõe ao mar barreiras invenciveis, conquista e fertilisa o solo, amenisa o clima, e procura 'nas colonias um desenvolvimento territorial, que as suas fronteiras lhe recusam e a que a sua fraqueza numerica obsta.

E' a historia de dois grandes paizes: Hollanda e Inglaterra.

Mas quem lhes inspirou e lhes proporcionou os meios de realisar tantas maravilhas? A necessidade, em primeiro logar, e depois, a eschola!

Digitized by Google

Não ha povo, nem individuo, que não aspire á felicidade e á gloria ; e, comquanto divirjam 'no objecto de suas aspirações e anhelos, o scopo, a que visam a sua actividade e esforços, é a gloria com as suas bellezas, reaes ou ficticias.

Os que procuram as riquezas, como meio de adquirir os gozos e commodidades da vida, buscam a consideração de seus similhantes, e 'no fim de tudo isto—a gloria. Os que amam, acatam e tractam as sciencias e as artes, procuram os logares elevados, a consideração publica, distinguir-se do resto dos homens, —a gloria, emfim. Os que consomem a sua actividade, talentos e energia 'na estrategia, 'nas lides da guerra e 'na conquista de novos estados, buscam os fastigios do poder, os hymnos da fama e acima de tudo—a gloria. Os que, abandonando a patria, commodidades, relações e familia, se entregam aos perigos do mar, e se vão em paizes longinquos e inhospitos a inquirir e a devassar terras, minas, producções, raças, leis e costumes, são levados pela mão—da gloria. Finalmente, os que, concebendo uma ideia qualquer humanitaria, a ruminam, lhe dão objecto, a seguem e avultam até mostral-a invento assombroso, ou sómente util, quer trabalhem por conta propria, quer para a sociedade, obedecem sempre ao acenar da gloria.

Mas serão felizes e dignos dos pregões da fama os habitantes do continente africano, porque possuem um solo feracissimo, minas abundantes, materias primas em demasia, vivendo, 'no meio d'estas riquezas, uma vida selvagem, barbara e miseravel, por não saberem ou não poderem utilisar os beneficios de sua posição geographica ?

Não, por certo.

Terão mesmo direito á posse pacifica do solo, onde demoram e onde nasceram ?

Não o creio ; porque o mundo não é propriedade de um individuo ou de um povo, mas de todos os homens, e particu-

Digitized by Google

mente d'aquelles que podem e sabem utilisal-o em beneficio seu e de seus similhantes.

A civilisação d'estes povos, por tanto, é necessidade propria, interesse e gloria dos povos civilisados.

Necessidade propria :porque, graças aos sabios e arrojados xplora lôres, que de todos os pontos do globo tem vindo, 'nestes ultimos annos devassar-lhes suas riquezas naturaes, por tantos seculos ignoradas, correm,—se não seguirem o exemplo do resto da humanidade, que á porfia procura desenvolver suas forças e aptidões—, o risco de serem, ou expulsos do continente, ou acantonados 'nos logares safaros e pestiferos, onde se definham.

Interessa aos povos civilisados : porque a civilisação africana aproveitará as variadas riquezas, hoje abandonadas e perdidas 'no centro do continente; produzirá novas riquezas, a que a fecundidade do solo se presta, e virá com umas e outras opulentar os mercados da Europa.

Tambem é gloriosa a émpreza; porque o mundo sempre applaudiu, e ainda hoje exalta, tentativas humanitarias da natureza d'esta.

E por que meios conseguiremos desempenharmo'-nos dos deveres que nos impõem os nossos fóros de paiz civilisado e as vantagens de primeiros descobridôres do grande continente, de possuidôres de vasta extensão d'elle ?

Aqui dividem-se as opiniões, os alvitres.

Para conduzir estes povos á communhão dos povos civilisados, propõem uns a missão religiosa, como unica estrella luminosa; outros, a immigração, e com ella a mistura e cruzamento das raças ; e até ha quem defenda a escravatura !

Respeito todas as opiniões, porque á testa dos patrônos d'ellas se acham nomes respeitaveis por seu saber e posição.

Para mim, porém, regeitando o terceiro, nenhum dos outros meios se antolha sufficiente; e só considero a eschola o mobil da civilisação de povos como os que occupam o continente africano :

Digitized by Google

Não a eschola das rezas, dos escapularios e da agua benta, que por si só não educa, não illustra, não aperfeiçôa; mas a eschola fecunda da sciencia e das artes, onde o homem aprende o que é, quanto vale, e o que pode em beneficio seu e de seus similhantes. A eschola, que estuda a Natureza sob as suas variadissimas formas; d'onde colhe importantes conhecimentos á vida dos povos; que traça os movimentos, mede as dimensões e posições e determina a constituição physica e a composição chimica dos grandes corpos, que gyram 'no Espaço; que decompõe e recompõe a materia; que construe ou corta diques ao mar, eleva ou aplana montanhas, edifica ou demole cidades, que penetra 'no interior do globo, 'na profundidade dos mares e 'nos arcanos do passado, d'onde aproveita lições de subido preço sobre a existencia de seres extinctos, varias especies dos que povoam a terra, origem, crescimento, decadencia e aniquilamento de imperios, cidades e villas, e sobre o progresso da raça humana.

Eschola, que estuda as funcções animaes, organicas e de nutrição, de relação e de geração; as funcções vitaes do ser vegetal e as diversissimas combinações da materia; e, elevando-se d'ahi ás causas das doenças que opprimem os seres animaes, consegue, se não prolongar vidas, alliviar soffrimentos.

A eschola, que exgota ou inunda campos humidos ou aridos; que dirige e utilisa os ventos e as chuvas; que oppõe ás distancias, encurtando-as, a velocidade da viação; que abre estradas em todos os sentidos, por mar e por terra, pondo em communicação rapida todos os povos da terra.

A eschola, finalmente, que nos ensina tudo o que a sciencia tem alcançado, que nos aponta os grandes problemas a resolver, e que nos faz, por ultimo, entrevêr, além das maravilhas do universo, um mundo melhor; e acima de tudo—a causa primaria da nossa existencia e da de todos os entes creados,—Deus!

Apressemo'-nos, pois, a fundar escholas entre nós e 'no meio dos povos que temos que civilisar. Escholas de aprendisagem, es-

Digitized by Google

cholas profissionaes, escholas normaes, escholas superiores; de desenho, de musica, d'agricultura, d'artes, de sciencias! Fundar escholas para 'nellas formar homens.—eis o que nos cumpre fazer, para acompanharmos os povos mais adiantados 'no caminho da perfectibilidade humana, e afim de que tenhamos parte 'na gloria da civilisação africana, para a qual se fixam hoje todas as attenções do mundo civilisado!

Esta sociedade, á qual desejo do coração longa vida e que veja realisado o muito que seus membros anhelam conseguir, posto que ainda 'nas faxas da infancia, pobre de meios do toda a especie, mas rica de bons desejos,—é já uma iniciativa; e com isto me congratulo com os seus fundadôres.

Seja o grito de alarme, levantado por todos nós,—á eschola!

A eschola é quem forma os homens illustres, os homens uteis, os grandes artistas e os bons operarios.

A eschola é quem faz os povos felizes e gloriosos. A eschola é a potente alavanca do progresso humano!

A' eschola! ha 'no periodo de mais de vinte annos clamado a minha debil voz; á eschola! é o grito, que, em honra ao grande mestre, a quem esta festa é dedicada, sólto, 'neste dia solemne, 'no meio de meus caros consocios; á eschola! gritarei sempre, em quanto me não fugir, com o ultimo alento, a vida!

Disse.

O socio Francisco de Salles Ferreira disse:

SR. PRESIDENTE;

Em uma das ultimas sessões de assembleia geral d'esta sociedade, a que me honro de pertencer desde a sua fundação, propuz que ella inaugurasse um curso elementar de contabilidade e

Digitized by Google

escripturação mercantis; que fossem convidados a inscrever-se, como leccionandos n'essas materias, os que quizessem porventura instruir-se n'ellas,—offerecendo-me eu para dirigir esse modesto magisterio, se melhor competencia, que tantas ha aqui,—aliás com bem melhores direitos, mas não maior dedicação, de que a minha —se não fizesse preferir, como mais recommendavel pela idoneidade para a direcção d'esse curso.

Lisongeou-me então a unanimidade de opiniões dos nossos consocios, que, apoiando a minha proposta, se dignaram votal-a na sua integra.

Em 4 do mez corrente, reunidos aqui nós outros, em assembleia geral tambem, e discutindo-se o modo exequivelmente mais solemne, quanto ao alcance do nosso debil poder, de commemorar o dia de hoje, em homenagem á memoria do immortal epico portuguez, conforme a disposição do artigo 16.º dos estatutos a que obedecemos,—propôz o nosso illustrado collega Gomes Coelho que, entre outros detalhes da commemoração que estamos fazendo, se incluisse o da inauguração d'esse curso. O alvitre foi adoptado; a assembleia votou-o sem discrepancia de pareceres; e, cumprindo a mim desempenhar-me da obrigação, que assim me ficou imposta, e que gostosamente acceitei,—julgo dever declarar hoje, n'esta respeitavel reunião, que vae installar-se o curso com os trez alumnos, que até este momento, e no curto espaço de tempo decorrido desde então, sollicitaram a sua inscripção na matricula lectiva, e que estão aqui tambem, entre nós. São os srs. José Vicente Mangueira Annapaz, José Maria do Prado Junior, e Joaquim José da Fonseca do Amaral.

Outros conto que breve virão juntar-se a estes, para frequentarem o curso a iniciar.

Sr. Presidente—Vive esta provincia tão mesquinhamente provida de aptidões para o mister de guarda-livros, de empregados do commercio, que tenham umas noções, ainda que geraes e rudimentares de contabilidade e escripturação, —que considero um se

Digitized by Google

viço,—(para que me ufanarei de ter contribuido, se porventura este modesto curso produzir resultados uteis,)—dotar, especialmente os jovens africanos, que em geral teem notavel habilidade para a calligraphia, um dos requisitos indispensaveis n'aquellas profissões,—com o ensino d'essas materias preliminares, que mais tarde poderão desenvolver-se, ampliar-se, até conhecimentos de ordem mais elevada, mas em todo o caso faceis de serem adquiridos pela intelligencia menos perspicaz,—como sobre: cambios, arbitrios respectivos, seguros, contractos, sociedades, parcerias, escripturações agricolas, fabris,—e calculos, emfim, arithmeticos menos simples, applicados á practica commercial.

E no entanto, sr. Presidente, bem se diz que essa escripturação é o elo que liga o capital ao trabalho, demonstrando a sua relação constante;—como affirmou Courcelle Seneuil, no seu excellente tratado:—a luz que esclarece o negociante em todo o curso dos seus negocios.

A quantas situações ruinosas tem conduzido o defeito das escripturações mercantis; simplesmente esta circumstancia, dada toda a boa fé do commerciante, toda a actividade do seu trabalho, toda a probidade e lisura nos seus compromissos!

A ideia da creação d'este curso é fixa em mim desde alguns annos. Quando tive a honra de ser vice-presidente da Associação Commercial de Loanda, e depois vogal, eleito pelo commercio, tambem, d'esta capital, da Junta Geral de Provincia, repetí a proposta, que, felizmente agora vejo que vae traduzir-se em realidade, graças á boa acceitação que mereceu a esta sociedade.

Não foi por immodestia que me offereci a dirigir as lições não; a practica de quasi 20 annos na carreira commercial, dando-me largo ensejo de ampliar na applicação constante o pequeno cabedal de conhecimentos sobre taes materias, adquiridos na eschola,—deu-me essa competencia, que me não titula de modo algum, porque, francamente,—é tão só de simples raciocinio e

Digitized by Google

methodo o assumpto, que ao alcance dos mais mediocres, está conhecer d'isso!

Pois bem, sr. Presidente: cumpri o que a assembleia na sua ultima sessão me incumbio; agora resta-me lembrar que, em commemoração d'este dia, o curso referido se baptisme, dando-se-lhe por nome, por titulo,—uma data:—a de hoje.

Este singelo preito á memoria de Camões, o immortal poeta-cavalleiro, julgo cabido n'este momento, em que aqui nos congregamos a tributar homenagem de veneração ao vulto grandioso, que destaca no primeiro plano do pantheon das glorias portuguezas; tendo, como elle proprio dizia, por egual potentes e scintillantes *n'uma das mãos a espada, na outra a penna*; —ao sacerdote veneravel, que, como no templo da Vesta mythologica, velou com zelo inquebrantavel por que nunca se extinguisse, esmorecesse sequer, essa luz explendida do heroismo portuguez, que já, deslumbrante, n'uma epocha, assombrou o universo!

Agradeço a V. Ex.ª e á assembleia a benevolencia de me terem ouvido.

O sr. presidente dr. José Baptista d'Oliveira, por ultimo, disse:

SENHORES

Não sei esquivar-me ao dever de, antes de encerrar esta sessão, dizer a V.ªs Ex.as algumas palavras: um agradecimento e uma congratulação.

Agradeço muito penhorado, em nome d'esta sociedade, ás Ex.mas damas que abrilhantaram este acto, assistindo a elle.

São V.ªs Ex.as as mães, as espôsas, as filhas; provaram V.ªs Ex.as, vindo a esta salla, que ao tempo, que no desempenho das lides da sua virtuosa missão no lar têem de applicar, sabem

Digitized by Google

subtrahir uns momentos, para affirmarem por tão salutar exemplo a extrema delicadesa do sentimento, que é o apanagio precioso da mulher.

Dignem-se pois, V.as Ex.as acceitar este respeitoso voto de reconhecimento.

Agradeço ainda, não menos penhorado, aos cavalheiros presentes, que, não pertencendo a esta sociedade, a honraram, accedendo ao convite qne lhes foi dirigido por ella; adherindo assim, em conformidade de ideias e sentimentos, que réciprocamente nos é por certo agradavel, aos que inspiraram a celebração do anniversario de hoje.

Recebam, pois, V.as Ex.as, egualmente, os protestos de agradecimento, que, por isso, em nome d'esta sociedade, me incumbe endereçar-lhes.

Agora, e por ultimo:

Congratulemo-nos nós outros, socios d'este instituto, ao podermos registrar a acta d'esta sessão, porque a sociedade de geographia de Loanda, conforme soube, conforme poude, na mingua de melhores recursos, empregou quantos tinha para dispôr, afim de cumprir o seu dever no dia 10 de junho de 1881, em homenagem á memoria veneranda de Camões.

Está fechada a sessão.

Sollicitando-se do illustrado socio Urbano de Castro o original do que lêra na sessão solemne, enviou a seguinte carta:

MEU CHARO AMIGO

A amisade desvaira-lhe a critica.

Receba um aperto de mão, prolongado, estreitissimo, pela benevolencia, immensa até á cegueira, com que me incita e insta para enviar-lhe o autographo, que na nossa sociedade li, na sessão commemorativa de Camões.

Digitized by Google

Queria obedecer-lhe; mas não posso.

Passando agora serenamente os olhos sobre aquillo, dias depois de rabiscado, vejo-lhe bem e nas verdadeiras dimensões os defeitos, que já entrevira, e descubro-lh'os novos: não respeitaria os leitores, se o deixasse publicar assim, como está.

Verba volant, scripta manent. Mas ficam nas varreduras, se não lhes pertence logar na ara do templo.

Já não abusei pouco da indulgencia das illustradas damas e dos nossos consocios e convidados, que áquella festa concorreram, descifrando-lhes aquella dezena de paginas escriptas de corrida, poucas horas antes, com o espirito inquieto por negocios e cuidados, com a penna a cada passo interrompida, com a attenção a cada instante sollicitada para outras occupações; e em que por isso a pressa aggravou a imperfeição, que marca sempre qualquer escripto meu.

D'aquelles borrões só me agrada ainda, e parece plausivel, a concepção fundamental. V. conhece-a, e póde vulgarisal-a sob minha responsabilidade.

Aquelles, que conservam fino e attento o ouvido, sentimos d'aqui, desde algum tempo, agitarem-se lazaristas e jesuitas.

Apezar de forrarem com camadas de algodão os pés para abafarem o ruido da marcha, escutamos-lhes os passos.

Li um protesto, que suppuz opportuno, contra a reacção vestida de roupêta: a reacção, que mostra abertos uns grandes braços acariciadôres, escondendo debaixo da veste negra os joelhos de aço, com que, esmagando a intelligencia e o coração, paralysa o trabalho e o progresso de todos os povos, que se lhe entregam.

Mas, se eu deixasse publicar esse protesto como está, as lacunas e os defeitos de fórma, que n'elle enxameiam, poderiam servir contra mim de pretexto a uma accusação de irreligiosidade; arguição que não mereço; mas de que não teria tempo para defender-me, como não o tenho para nenhuma especie de polemica; e como não o tenho para refundir, nem para melhorar a má prosa, cuja publicação nos temos obstinado,—V. em graciosamente exigir, eu em agradecido recusar.

Diga isto, se quizer, aos leitores do nosso folheto commemorativo do Epico immortal.

Póde tambem accrescentar, que eu continúo sendo, como sempre, seu

sincero amigo e admirador
URBANO DE CASTRO.

Digitized by Google

Havendo communicado o socio sr. Eduardo Ayalla dos Prazeres que por motivo de doença não podia comparecer á sessão, e tendo enviado para a mesa da assembléa o autographo que tencionava lêr quando lhe fosse concedida a palavra, publica-se em seguida:

MEUS SENHORES,

O homem de negocio emprega geralmente o seu tempo no labutar constante de uma vida activa, agitada e irrequieta, e por isso não se atreve, nem a maior parte das vezes pode, ou sabe, tocar, de leve sequer, em assumptos, que segundo a opinião de muitos, estão em completo divorcio com a vida commercial. E não admira que assim aconteça, quando é certo que para a classe commercial são lançados os adolescentes sómente quando parece aos seus, que não teem capacidade para outra carreira.

E' muito trivial ouvir dizer no seio das familias—«*Este não serve para nada, e portanto vai para o commercio* !»

O negociante, o lavrador, o industrial, se tem meios, não manda dar aos filhos uma educação completa, commercial, agricola ou industrial; dedicam os a cursos superiores, e só os applicam ao commercio quando elles não querem estudar. Mas não é para aqui o desenvolver este objecto.

Não obstante, pois, a verdade do que expuz, ouso, se bem que muito instado e receioso, dizer duas palavras sobre o grande poeta, contando com a benevolencia de tão indulgente assemblea.

Os estatutos d'esta sociedade em cuja fundação eu tenho a honra de ter tomado uma parte, ainda que muito insignificante, determinam que se preste todos os annos homenagem á memoria de Camões.

Prova isto que, se aquelles que votaram o artigo 16 dos mesmos estatutos, não eram todos homens de sciencia, eram com certeza cidadãos amigos, dedicados á patria. Porque, divinisar Camões é fazer a apotheose da Luzitania. Perpetuar o nome de tão grande vulto, significa levantar altares á nossa independencia.

Porque Camões não foi simplesmente um soldado, um viajante, um grande pensador, um grande poeta, Camões foi mais do que tudo isto. Camões radicou a nossa lingua, perpetuou a nossa perso-

Digitized by Google

nificação como nação autonoma, escreveu em lettras de ouro no seu immortal poema as glorias de Portugal, as paginas mais brilhantes da historia portugueza. Camões por este modo deu-nos, nos seus Lusiadas, mais do que um grande poema, deu-nos uma religião,—a religião do patriotismo. E não será um paradoxo dizer que é talvez aos Lusiadas que se deve uma data, que está gravada por um modo indelevel nos nossos corações,—refiro-me a 1640.

O involucro de tão grande genio finou-se em 1580. *Morreu com a patria*, como elle proprio disse.—Mas não morreu o filho, nem morreu a mãe!

Quem como Camões soube architectar um tão magestoso edificio poetico, como são os *Lusiadas*, não podia morrer nem tampouco o mundo podia esquecer e deixar morrer captiva a terra, que fôra berço de tal gigante! E 60 annos mais tarde erguia-se a patria para não mais cahir, porque um povo que possue tão soberbo monumento podia adormecer de fadiga, podia deixar-se vencer pela intriga, podia mesmo illudir-se com a esperança fagueira de uma grandesa ephemera, partilhada no fastigio de uma nação poderosa e da mesma origem, mas não podia morrer.

E não morreu.

Os Lusiadas eram como que um ecco constante a palpitar em todo o paiz a ideia de independencia, era um brado patriotico, chamando todos os cidadãos de valimento ao caminho da liberdade.

Eram como que uma inoculação permanente de sangue portuguez nas vêias dos habitantes da *Lusitania*.

Se não tivessemos para satisfazer o nosso justo orgulho, as nossas muitas descobertas e conquistas; se não tivessemos tido como estadista, ainda no seculo passado, um dos maiores vultos europeus do seu tempo o—«Marquez do Pombal»;—se a valentia dos nossos soldados não fosse sempre e em todos os tempos reconhecida pelos primeiros generaes do mundo,—por Napoleão I, por exemplo, que declarou em uma batalha que «com um pequeno exercito de portuguezes con«quistava o Universo inteiro;—por Lord Wellington, que, depois da «batalha do Bussaco, disse—que «*nunca* presenceou mais galhardo «procedimento do que o practicado na briosa defeza, no alto ponto da «serra. pelos *intrepidos* regimentos portuguezes, os quaes adquiriram «para o exercito lusitano a estima, a confiança e a *admiração* dos seu «companheiros do exercito britannico, vendo elle marechal factos nº

Digitized by Google

combate e uma conducta nas tropas portuguezas *de fazer honra tropas mais aguerridas.* (1)

O mesmo Wellington depois da batalha de Nive disse:—«Se «pre que a nação portugueza ouvir fallar de uma batalha em que « «suas tropas tenham cooperado, ha de tambem ouvir elogial-as.—« «medida que ellas são experimentadas, mostram-se dignas de toda «confiança; o seu comportamento e valôr *são muito superiores* á pro «va, por mais ardua e forte que seja. D'esta verdade dão teste- «munhos abundantes os feitos de armas das tropas portuguezas nas «ultimas batalhas. A sua reputação já estava firmada, e o estão egual- «mente ha muito tempo *a estima* e *a admiração* dos seus valorosos «companheiros d'armas do exercito britannico.» (2)

O general Massena (3), nas suas memorias, diz o seguinte:

«O soldado portuguez é intelligente, sobrio e infatigavel; com- «mandado por officiaes inglezes, e affeito á disciplina britannica, póde «hombrear com os anglo-hanoverianos *e até excedel-os.* (4)

Napier viu-se obrigado a confessar, depois da batalha de Victoria: «que todos os exercitos alliados combateram valorosamen- «te *sobre tudo o exercito portuguez,* e que a reputação dos portuguezes «na guerra peninsular foi merecida com justiça. (5) As côrtes hespa- «nholas, filhas da revolução de Cadiz em 1812, logo que se reuni- am, felicitaram o nosso exercito pelos seus feitos brilhantes.

O conde de Liverpool, em um discurso na camara dos lords, em sessão de 4 de novembro de 1813, disse:

«...Não temos porém menor motivo de admiração no compor- «tamento de um paiz confinante com a Hespanha, bem que seja mui- «to mais pequeno. *Deve-se muitissimo* ao espirito do povo de Portu- «gal e á *constancia* e *galhardia* das tropas portuguezas. A sua pre- «sença e o seu valôr teem sido experimentados; não meramente nas «operações defensivas, mas tambem nas offensivas, têem sido compro- «vados. Este sentimento de independencia nacional, *que primeiro «rompeu na peninsula, foi que deu vida aos resultados que vêmos ago- «ra e que admiramos.*

O conde de Bathurst, na sessão de 8 de novembro de 1813, dis- se: «*nunca* se deu assalto com mais vigor e heroísmo do que o da pra- «ça de S. Sebastião,—e as tropas portuguesas *distinguiram-se n'elle com particularidade* etc. etc.

Leroy Beaulieu, no seu livro *De la Colonisation chez les Peu- ples Modernes,* escreveu a pag. 46:

Digitized by Google

«Tem-se dito e com rasão que nação alguma do mundo fez tão «grandes cousas como Portugal em relação á sua area e população.»

E a pag. 63:

«O Brazil é o chefe d'obra da colonisação portugueza; e se bem «que já lhe não pertença, é, não obstante, uma gloria para Portugal, «o haver-lhe protegido a sua infancia sem o opprimir, e o ter-se se«parado d'elle sem paixão nem rancôr.»

.....

«Souberam (os portuguezes) alliar convenientemente o espirito «de aventura á paciencia practica e á perseverança laboriosa, chegan«do ao conseguimento, não sómente de colonisação, mas da creação de «um grande Estado *rico, trabalhador e livre.*»

De que mais poderiamos carecer para satisfaser o nosso justo orgulho?

Pois apezar de todos os titulos nobilissimos, antigos e modernos, que coroam e enfloram as quinas portuguezas, bastava para honra do nosso paiz que tivesse como unico brasão o ter sido o berço do raro talento de *Camões.*»

Depois da guerra a que alludimos, na qual colhemos tão merecidos louros, ficámos cançados, abatidos, e, o que é mais, fomos opprimidos e vexados por aquelles que se disiam nossos amigos. Mais tarde as guerras intestinas reduziram o paiz a um estado tal de miseria e de decadencia moral, talvez devido tambem á nossa posição geographica,—que fômos quasi que esquecidos pelas outras nações.

—Os extrangeiros, que não tivessem uma illustração muito elevada, não sabiam se Portugal era uma colonia ingleza, se uma provincia d'Hespanha! Mas recordavam-se immediatamente, logo que se fallasse da patria de Camões! «*Sim... sei... a patria de Camões,—le brave petit peuple*», como lhe chamou Victor Hugo, um outro Deus da poesia.

Loanda, 10 de junho de 1881.

Ed. Ayala dos Prazeres.
Socio fundador da sociedade.

Digitized by Google

Os secretarios da mesa da assembléa, desejando tambem cooperar na commemoração á memoria do grande Epico, n'este logar lhe prestam o seu tributo de homenagem:

«A Portugal coube uma vez ser o interprete da civilisação peninsular perante o mundo. Esse livro, brazão da historia de toda a Hespanha, e acta immorredoura da nossa independencia nacional, é o poema de Camões—Os Luziadas.»

Estas palavras d'um pensador da epocha são a apotheose d'aquelle grandioso poema.

Em observancia do art.º 16.º dos seus Estatutos, celebra hoje a Sociedade Propagadora de Conhecimentos Geographico-africanos, a que me honro de pertencer, o passamento do principe dos poetas portuguezes—Luiz de Camões, vulto grandioso, que cantou o seculo em que viveo, ao mesmo tempo que cantou Portugal. E' pois, não só o cantôr do pequeno paiz, que lhe foi berço, mas da humanidade.

A homenagem que prestamos á memoria d'aquelle grande genio é a demonstração plena das ideias da epocha em que vivemos.

Já não é o ruido estrondoso na passagem dos reis ao fastigio do poder que alvorota povos, nem o orgulho da victoria obtida nas guerras, devastando a humanidade.

A sciencia pelo desenvolvimento das artes e das industrias, a intelligencia pela elevação do pensamento ao bem commum; a liberdade pelo convivio em todos os grandes emprehendimentos; —eis o pensamento dominante.

Luiz de Camões com o seu poema engrandeceu a historia e glorificou a patria. E' o nosso brado enthusiastico. E a não mais nos podemos abalançar, porque reconhecemos a insuffiencia da nossa voz. Alguem disse algures, e nós repetiremos: «Christo morreu para resgatar a humanidade, Camões para redimir Portugal, porque o seu poema, echo da nossa antiga grandeza, é o unico ta-

Digitized by Google

lismanc apaz de insufflar nas massas o enthusiasmo pelo sacrificio e o amor pelo sentimento do dever. Honremo-nos de ser cidadãos d'um paiz pequeno e pobre, mas ainda grande pela admiração que vota aos conquistadores da sua gloria e pelo seu ardente amôr á liberdade, o que só por si lhe dá direito ao convivio e ao respeito de todas as nações do mundo.»

Loanda, 10 de junho de 1881.

F. da Silva Gil.
2.º Secretario.

Que o nosso passado foi heroico, — dil-o esse grande vulto, de quem o coração portuguez não pode recordar-se sem palpitar de nobre orgulho, e hoje o vem confirmar no seio da nossa sociedade o Ex.mo Governador Geral d'esta provincia o sr. conselheiro Antonio Eleuterio Dantas, abrindo a sessão commemorativa, em que, por um dever que ella a si mesmo impoz na sua fundação, presta a devida homenagem á memoria d'aquelle vulto.

Intimamente ligado a esse passado está o nosso dominio ultramarino, para o qual abrimos caminho e o conquistamos para a fé e para a civilisação; e se a nossa sociedade se instituio tendo em vista fazer propaganda de conhecimentos d'uma parte d'esse dominio, tivemos exemplo ainda n'esse a quem hoje veneramos, que, tornando a nação portugueza immorredoura, a avantajou em gloria litteraria a qualquer outra.

Se elle, o Homero dos modernos tempos, um dos mais inspirados poetas, que tanto exaltou as glorias da patria, cantando-lhe seus feitos heroicos, se julga feliz por morrer no seio da patria, que tanto ~~(mas ella)~~ amara; como poderemos nós, seus filhos, esquecel-o?!

Muito bem disse o Ex.mo presidente da sociedade o sr. Dr. José Baptista de Oliveira: —A sociedade cumpre um dever, commemorando o anniversario do passamento do grande epico— como soldado, como marinheiro, como poeta, porque em toda a parte onde pulse um coração portuguez se recordará com orgulho que elle é a gloria dos seus compatriotas.

A sociedade, acompanhando o seu presidente n'este preito, sente que a pobreza de recursos a inhibam por emquanto d'uma manifestação mais grandiosa.

Digitized by Google

Mas se, organisando-se, a sociedade, foi grande o numero de incredulos, como o fez sentir o nosso douto consocio o ex.mo sr. Urbano de Castro, é certo tambem, como S. Ex.a disse, que esses deram força e coragem aos outros, que acreditaram ser possivel manter-se com independencia, para o fim que tem em vista.

E mal de nós se assim não fosse!

De 1580 a 1640 aponta-nos a historia uma epocha de calamidades, em que bem se mostra que toda a gloria politica acaba para Portugal, não sentindo seus guerreiros já enthusiasmo para combaterem e restando apenas aos poetas voz moribunda para lamentarem os males da patria.

Grande era o numero de descrentes, porém dez mezes depois 40 patriotas arrojados, em um determinado dia conseguem quebrar o jugo de *60 annos de captiveiro*, e em torno de si encontram mais de 10:000 adeptos, homens armados, ao brado unisono de *Viva a liberdade*!

Passados os dias explendidos da cavallaria, e perdido as cruzadas toda a sua significação, um outro periodo se segue—o das descobertas, que teem servido de alimento á imaginação e á sciencia,—e por isso de molde terminou a sua oração o nosso illustrado e bemquisto consocio, vice-presidente da sociedade o ex.mo commendador Joaquim Eugenio de Salles Ferreira, dizendo:

«A conquista foi d'elles!
«A civilisação deve ser nossa.»

E se aquelle a quem hoje veneramos, se immortalisou com os seus cantos, essa epopeia essencialmente nacional,—o precioso thesouro que a muito custo salva do naufragio regressando de Macau a Gôa, —esse padrão, que, como muito bem diz o nosso intelligente consocio o ex.mo sr. Eduardo Ayala dos Prazeres, afamaria sempre o nome portuguez, quando se quizesse esquecel-o,—porque diz tudo quanto a historia ou as tradições populares conteém de glorioso para nós; não é menos certo, que, ao saber do desastre de Alcacer-Kibir, em que desapparecera o seu querido monarcha e com elle o plano de levantar a nação agonisante, pouco depois.

....

«Os olhos turvos para o ceu levanta;
«E já no arranco extremo:—Patria ao menos . .
«Juntos morrêmos.—Expira co'a patria.

Mas a patria não morreu,—não podia morrer, porque Os Lusia-

Digitized by Google

das são a nação; traduzidos em todas as linguas cultas, já não podem extinguir-se.

As conquistas sim, mudaram, são outras. Fructos de intelligencia e trabalho variam com as gerações novas, acompanhando o movimento progressivo da civilisação; e para que os povos que nas primeiras nos foram inferiores se não avantagem nas modernas, não fique no esquecimento o que disse o nosso estudioso consocio Antonio Castanheira Nunes, no seu memorandum de hoje, e a que servio de thema:

«*L'homme fait la terre; l'école fait l'homme.*»

Civilisemos pois, soccorridos pelos mais poderosos agentes de oje: *trabalho* e *caridade.*

Deve o homem sempre trabalhar, sempre progredir; e que esses trabalhos d'uma geração sempre aproveitem ás gerações futuras.

São estas duas as grandes leis universaes, e, para que tenham o desejavel exito, é forçoso, como o demonstrou aquelle socio, que nos empenhêmos em fundar escholas, onde a infancia se prepare para as utilisar.

Assim o entende a nossa sociedade, inaugurando hoje um curso practico de contabilidade commercial, de maximo proveito á mocidade africana e europea n'esta cidade, em que o commercio é a principal riqueza; curso que se offereceu leccionar o nosso dedicado consocio o ex.mo sr. Francisco de Salles Ferreira, pedindo hoje, como seu humilde tributo, que se denomine *Curso «10 de Junho.»*

Symbolisa o titulo significativa homenagem d'esta sociedade áquelle grande genio.

A Sociedade de Geographia de Loanda, distribuindo n'este dia o seu primeiro Boletim, inaugurando uma escola commercial, mandando imprimir o importante trabalho de uma de suas commissões sobre colonias agricolas no interior da provincia, e annunciando a sua primeira exposição de productos naturaes de Africa Occidental portugueza para 9 de setembro proximo,—tem já conseguido alguma cousa;—sigam-se agora publicações e conferencias sobre agricultura, minas, industrias, commercio, e mesmo sobre assumptos de administração da provincia, e terá preparado terreno para trabalhos de maior importancia e d'accôrdo com os fins da sua instituição.

Loanda, 10 de junho de 1881.

H. de Carvalho,
1.º Secretario.

Digitized by Google

NOTAS

(1) Ordem do dia de 28 de Setembro de 1810.

---

(2) Ordem do dia de 25 de dezembro de 1813.

---

(3) Insuspeito, porque combateu contra nós.

---

(4) Os officiaes não eram todos inglezes, e citarei um, que é tambem uma das maiores glorias portuguesas,—João Carlos de Saldanha (Duque de Saldanha), que, na guerra da peninsula pretcrio em todas as promoções todos os officiaes do exercito alliado, sendo-lhe entregue o commando de *uma divisão* aos 22 annos!

---

(5) Accrescenta o sr. D. Antonio da Costa, na historia do Duque de Saldanha:—«confissões *arrancadas* pela consciencia do escriptor cioso das armas britannicas.»

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google